

*Gerações, família e cultura*  
reflexões sobre juventude e velhice de imigrantes chineses evangélicos no Rio  
de Janeiro

Marcelo da Silva Araujo<sup>1</sup>

Resumo: Etnografando as sociabilidades e as particularidades étnicas de fiéis evangélicos chineses e descendentes que freqüentam 2 igrejas da cidade do Rio de Janeiro, abordo os posicionamentos dos jovens sobre os velhos, ou melhor, sobre as gerações mais velhas com as quais se relacionam, buscando discutir o embate entre as orientações cognitivas adquiridas pelos naturais da China nas suas milenares cultura e educação e o molde oferecido pela realidade sociocultural brasileira às gerações mais jovens. Apresento as tensões operadas pelas posturas e práticas dos imigrantes mais antigos - que não são necessariamente idosos se considerado o parâmetro cronológico consagrado: indivíduos a partir dos 65 anos – em suas tentativas de adaptar-se a estas. Os jovens, em contrapartida, promovem a manutenção daquelas posturas e práticas paternas sob o argumento da preservação da “cultura”. Assim, não é somente a questão geracional, etária, que qualifica e rotula os mais velhos, mas particularmente o fato de que suas vivências mais caras deram-se ainda em solo chinês, forjando-se em um cenário sociocultural diverso e em alguns aspectos até oposto ao atual.

Palavras-chave: juventude; velhice; gerações e etnicidade.

*...ser chinês [fora da China] deixa de sê-lo apenas porque tem-se o fenótipo, fala-se a língua e segue-se os costumes chineses. Mas ser chinês significa conhecer emocionalmente os pais chineses com os quais os filhos se identificam, identidade essa em que a continuidade de gerações pode ser algo mais que repetir a geração anterior... (SANG, 2007)*

É fato que existe, na maioria dos povos do globo, um elevado contingente de pessoas idosas, entendendo-se, em termos cronológicos, os indivíduos a partir dos 65 anos. Isso se dá especialmente em função de diversos fatores ligados ao aumento da qualidade e da conseqüente expectativa de vida.

---

<sup>1</sup> Mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFRJ) e doutorando em Antropologia (PPGA/UFF).

A velocidade das transformações e a atualização de elementos culturais e tecnológicos, para citar apenas alguns, são, à primeira vista, os maiores “inimigos” de pessoas que viveram e se educaram com esquemas mentais e práticos que funcionavam em outras bases. Não que estes esquemas já não se adaptem absolutamente ao quadro atual, mas eles constituem, e foram constituídos por, modelos que muitas vezes contrariam sensivelmente as orientações ora vigentes. Tal quadro se exacerba quando olhamos para populações imigrantes das primeiras levas a fim de compreender suas estratégias para situarem-se no novo contexto, particularmente quando confrontadas com as gerações de jovens brasileiros por nascimento ou os chegados na primeira infância.

A partir da proposição do Grupo de Trabalho “Redes e estilos de sociabilidades urbanas juvenis: conflito e comprometimento”, abordo os posicionamentos dos jovens chineses e descendentes já nascidos no Brasil sobre os velhos, ou melhor, sobre as gerações mais velhas. Com isso, busco apresentar e discutir o embate entre as orientações cognitivas adquiridas pelos naturais da China nas suas milenares cultura e educação e o molde oferecido pela realidade sociocultural brasileira às gerações mais jovens através do debate sobre como as posturas e práticas dos imigrantes mais antigos - que não são necessariamente idosos se considerado o parâmetro cronológico exposto acima - procuram adaptar-se a estas. Os jovens<sup>2</sup>, em contrapartida, promovem a manutenção daquelas posturas e práticas paternas sob o argumento englobante da preservação da “cultura”. Portanto, não é somente a questão geracional, etária, que qualifica os mais velhos, rotulando-os, mas particularmente o fato de que suas vivências mais caras deram-se ainda em solo chinês, posto que sua formação nas mais variadas dimensões foi forjada em um cenário sociocultural diverso e em alguns aspectos até oposto ao atual.

A opção pelo grupo é estratégica: são indivíduos de uma imigração já antiga para esta etnia (a partir da década de 1970), no entanto bem mais recente que a imigração de etnias não orientais. O problema do contato para fins de pesquisa é uma constante entre quaisquer contingentes de imigrantes porém os sujeitos em questão, possivelmente pelo caráter inclusivo de sua religião, mostram-se sempre acolhedores e prestativos às questões e

---

<sup>2</sup> Utilizo-me aqui de um recorte cronológico mais amplo para a definição de juventude. A abordagem clássica considera a faixa de 15 a 24 anos, que é também utilizada como parâmetro para as análises demográficas, estabelecida pela Organização Mundial da Juventude.

indagações de pesquisa, bem como às entrevistas e conversas informais cujos fragmentos dão corpo a este texto.

O grupo compõe-se de chineses oriundos de Taiwan, Cantão, Hong Kong e Zhejiang, todos se estabeleceram, tanto comercial quanto residencialmente, no Rio de Janeiro e têm em comum o fato de seguirem a religião evangélica, em três igrejas de diferentes denominações, com espaços de culto próprios e características específicas, tal como o idioma da liturgia. São aproximadamente 220 freqüentadores, em que quase a metade é constituída por pessoas entre 14 e 29 anos. Dos menores, a maioria é de rapazes estudantes de escolas privadas de ensino básico; já o grupo dos universitários conta com um equilíbrio entre os sexos e freqüentam instituições públicas de ensino, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro e a Universidade Federal Fluminense.

Uma dentre estas igrejas, a situada no bairro do Engenho Novo, é particularmente inclusiva e o número de não chineses e descendentes é relevante e com tendência a aumentar. Em função deste perfil, apesar de ser um espaço étnico, os chineses da primeira geração, que dispõem de poucos espaços específicos de sociabilidade, vêm-se obrigatoriamente confrontados com os não chineses, o que impõe certa assimilação, além da inevitável convivência diária com os brasileiros nos mais diversos espaços geográficos.

### ***Depurando os conceitos***

No âmbito das ciências humanas e sociais varia, segundo as épocas e os lugares, aquilo que se constitui como “problema social”. Isso acarreta que determinado “problema social” por vezes somente aparece muito tempo após o surgimento do fenômeno que está designando. Assim, fazendo uso de categorias mais evidentes porque “mais próximas do biológico e, aparentemente, mais naturais” (SAYAD, 1998:55), poderíamos citar a “infância”, a “adolescência” ou os “jovens” e a “velhice”.

NERI (1991), apoiando-se em ARIÈS [*História social da criança e da família*, RJ: Guanabara, 1981], argumenta que as “idades do homem” são “invenções sociais” e como tal são relativamente recentes. Basta retomar, como exemplos, as categorias apresentadas acima: a “infância” emergiu no século XVIII e XIX, a “adolescência” em fins

do século XIX e a “juventude” há menos de 50 anos. Na historicização destes conceitos, a autora afirma ainda que a categoria da “meia-idade”, entendida como etapa intermediária entre a idade adulta e a velhice, data dos anos 60 do século passado. Por último, o conceito de *velhice* é promulgado apenas nos anos 1970, quando de sua emergência como fato social e demográfico novo na história da humanidade (NERI, 1991:8).

Como fatos sociais, tais conceitos sofrem a repetição e a sistematização da prática, que os naturalizam e transformam em categorias universais de análise, “verdadeiros fatores causais de seqüências e taxinomias comportamentais” (NERI, 1991:8). Deste modo, diante de variações e alterações da norma, apresentada como desvio, torna-se necessário repensar de quais fatores se originou o costume de rotulá-los de tal ou qual forma, em lugar de questionar o que está errado com os indivíduos que compõem tais categorias.

Apesar de sua validade em caráter ampliado, as categorias são contextuais, significando que não há uma resposta única que explique os fenômenos em questão, posto que eles são atravessados por fatores individuais, interindividuais, grupais e socioculturais. A velhice e a juventude, categorias que mais nos interessam aqui são, portanto, compreendidas atualmente, assim como a infância e a maturidade, mais do que simples fases da vida. E, reforçando, como categorias socialmente construídas, os termos só alcançam pleno sentido através de um discurso.

Ser “jovem” ou ser “velho”, da mesma forma que ser “criança” ou “adulto”, será associado aos valores vigentes e discursivamente elaborados numa dada sociedade e em um tempo determinado. Além disso, ao considerarmos as atuais representações e vivências do rejuvenescer ou do envelhecer, não podemos deixar de levar em conta diferenças como as de gênero, de classe social, de grupo étnico, de religião, de inserção profissional, entre outros aspectos (ROCHA-COUTINHO, 2006; BOURDIEU, 1983). Assim, verifica-se em muitas culturas, especialmente as ocidentais, a oscilante classificação entre a expressiva e positiva importância destas categorias etárias e sociológicas e sua negatização pela rejeição ao ostracismo/secundarização e falta de políticas de variados tipos. Oscilação que não dissipa o fato de que estes sujeitos – “idosos” ou “jovens” - são sempre instados a aderir a uma identidade coletiva (*o velho, o jovem*), envolvidos em modelos dessa identidade previamente distribuídos pela sociedade (DEBERT, 1998). Resumindo: como

produto social, os conceitos e categorias têm história, o que significa dizer que sua existência e utilização não são naturais e desinteressadas.

Nesse sentido, NOVAES (2001:183) nos chama a atenção para o fato de que mesmo imbuídos de todos os ensinamentos relativizadores da antropologia, muitas vezes acabamos por naturalizar as “fases da vida” como se fossem “universais”, exclusivamente ancorados na crua objetividade de um ciclo biológico. Afinal, como também vivemos os papéis de filhos e pais, as projeções interessadas e os conflitos geracionais sempre estão a desafiar nossa neutralidade científica.

Nessa perspectiva, e para o grupo em foco, as noções de *geração*, de *família* e de *comunidade* ganham relevo.

### ***Geração: particularidades e conflito***

Por geração entende-se aqui a existência de pessoas com idades semelhantes que vivenciam uma “problemática histórica concreta de experiências comuns como o sistema político, social, econômico e cultural” (ROCHA-COUTINHO, 2006). Do ponto de vista psicológico, pode-se falar em geração como a expressão de valores e padrões de comportamento relativos a um grupo de idade em determinado período de tempo. Esses valores e comportamentos, que fazem parte das identidades sociais e pessoais desses sujeitos não são, contudo, fixos. Eles sofrem alterações à medida que interagem com novos valores e padrões de comportamento que vão surgindo ao longo do tempo.

Concretamente, os chineses imigrantes da primeira geração, que hoje estão na faixa dos 50 a 60 anos, conservam, como a maioria dos imigrantes de mesma condição, práticas culturais de sua terra natal através das quais se exprimem mais habitualmente: é comum constatar no culto religioso a manutenção dos diálogos no idioma nativo, apesar de muitos já terem chegado aqui há mais de 30 anos e portanto já na idade adulta. No mesmo culto, os jovens não lêem bíblias em chinês, seja pela parca habilidade ou por opção deliberada. No segundo caso, o da opção, e pensando especificamente em situações como a das escolhas da culinária que compõe o almoço após estes cultos, estes preferem as ofertas

tipicamente brasileiras da mesa, ao invés de se servirem de bolo de gengibre ou torta de inhame, entre outras iguarias chinesas típicas.

Mesmo com a malograda insistência dos mais velhos quanto a estes alimentos, essa relação acaba sendo, em geral, negociada. Quando os mais jovens cedem aos pedidos dos adultos, não é apenas a tentativa de agradar/obedecer que está em pauta, mas sim a assunção, de uma forma ou de outra, da importância em manterem-se a cultura e as tradições que se coloca.

### ***Família: teoria, jovens e velhos***

No cenário acima exposto, a preponderância do caráter fundamental da família para esses grupos merece atenção. Apesar de ser ampla a literatura sobre o assunto, seja atravessada por um recorte histórico, sócio-antropológico ou psicológico, é rara uma literatura em português que se volte para a problemática das famílias imigrantes fora dos temas clássicos que cobrem o caso dos italianos, dos portugueses, dos alemães, dos japoneses etc. No âmbito da imigração de origem asiática há poucas referências consideráveis, uma vez que, como o traço mais marcante dos grupos imigrantes é o trabalho, tais textos discutem fundamentalmente a atuação econômica (comercial, empresarial ou informal), não cobrindo satisfatoriamente as relações de família ou de sociabilidade, por exemplo. No caso dos chineses, a documentação é menor ainda.

LÉVI-STRAUSS (1986), numa instigante reflexão sobre a família, aponta que existem propriedades invariantes que funcionam como seus caracteres distintivos. Essas propriedades seriam as seguintes: 1) a família tem sua origem no casamento; 2) ela inclui o marido, a mulher, os filhos nascidos da sua união, formando um núcleo em torno do qual outros parentes podem eventualmente se agregar; 3) os membros da família estão unidos entre si por: a. laços jurídicos; b. direitos e obrigações de natureza econômica, religiosa ou outra; c. uma rede precisa de direitos e proibições sexuais e um conjunto variável e diversificado de sentimentos, como o amor, o afeto, o respeito e o medo.

A instituição *família* assume uma importância diferencial na cultura chinesa e entende-se que ela deve preexistir às outras relações, inclusive cimentando-as. Quanto a

isso, é conhecido o adágio confuciano que orienta àquele que deseja fundar uma empresa que funde primeiro uma família.

Em geral, como espaço privilegiado de convivência de diferentes gerações, a família é o local onde pode ocorrer o diálogo entre as distintas concepções de mundo, inclusive familiar, específicas de cada geração. De acordo com ROCHA-COUTINHO (2006:94), recentes estudos realizados com famílias de classe média brasileira apontam para substantivas mudanças na sua estruturação, com um espaço maior para a igualdade, em substituição às rígidas posições hierárquicas tradicionais, e “uma valorização maior da vida pessoal e subjetiva de seus membros”. Assim, é possível afirmar que as gerações jovens aqui tratadas, pertencentes a esse estrato socioeconômico, em função das particularidades de sua inserção como nacionais ou educados quase que exclusivamente no Brasil, tem a seu favor toda a dinâmica social brasileira para se desprender, de forma voluntária ou inconsciente, dos imperativos culturais da nação de seus progenitores. Porém, ainda assim a relação com os mais velhos dentro desses grupos é bem estreita.

Os jovens atuam como intermediários entre estes velhos e a sociedade abrangente nas suas demandas cotidianas. São eles, os jovens, que dialogam com as variadas instituições locais, uma vez que para muitos chineses, às vezes independentemente do tempo que já estejam no Brasil, a integração dá-se apenas nas esferas mais superficiais da vida em sociedade. Sendo assim, a participação política é escassa e pouco valorizada e a participação cívica limita-se, no essencial, à manutenção de certos contatos com as origens e as comunidades locais de origem chinesa.

Esse quadro demonstra que independentemente do número de anos de residência, perduram as dinâmicas particulares ao nível da cultura, do social, do político e do econômico de parte dessa população chinesa, o que nos remete ao terceiro e último vetor adotado para o entendimento da relação entre os jovens e os velhos dessa população, a comunidade.

## ***Sobre comunidade***

Se por um lado a participação nas instâncias locais entre os mais velhos é fraca, por outro eles investem bastante na integração comunitária. Não é meu objetivo discutir a existência ou não de uma comunidade chinesa no Rio de Janeiro, considerando a especificidade e as razões deste tipo de imigração, mas sim apresentar uma específica e conveniente noção de comunidade, visando a discussão das distintas redes em que se inserem os grupos etários apresentados.

Entende-se por comunidade uma “estrutura social mais ou menos organizada, com interesses partilhados pelos seus componentes e dotados de alguma espécie de órgão representativo desses interesses comuns” (OLIVEIRA, 2000:23). No Rio de Janeiro, existem basicamente dois ativos e representativos espaços não religiosos de sociabilidade para os indivíduos chineses imigrantes: a Associação Cultural Chinesa, na Praça da Bandeira (Tijuca) e o Centro Social Chinês, no bairro da Lapa. Especialmente o primeiro espaço, muito ativo, reúne nos fins de semana dezenas de imigrantes e descendentes, entre crianças e adolescentes, jovens adultos e velhos, com o objetivo de aprender a língua chinesa nas aulas de mandarim e praticar algumas atividades de lazer, como ping pong (para crianças e os adolescentes), e, para os mais velhos, conversarem despreocupadamente com os pares e conterrâneos.

O conceito de *comunidade* aqui exposto articula-se com outro conceito, o de *etnicidade*, que é definido por CARDOSO DE OLIVEIRA (2000:8) como

“articulando relações entre coletividades no interior de sociedades envolventes, dominantes, culturalmente hegemônicas e onde tais coletividades vivem a situação de minorias étnicas ou, ainda, de nacionalidades inseridas no espaço de um Estado-nação.”

Tendo esta definição em mente, convém dizer que para estes velhos, que não conseguiram ou optaram não se integrar profundamente com a prática da língua e a frequência aos ambientes mais profusamente públicos, tais espaços, a *Associação* e o *Centro*, são uma espécie de oásis. Neles, predomina a interação de pequenos grupos (embora não se possa saber automaticamente sobre o que conversam), sendo velhos com



velhos, adultos jovens com seus pares e os adolescentes igualmente entre si, entretidos em assuntos como estudo, esportes, o sexo oposto etc. Estes últimos raramente se comunicam em língua chinesa, só o fazendo quando a conversa passa a envolver um idoso.

É preciso ressaltar que, afora estes restritos espaços, os jovens mantêm o nível e a qualidade de sua sociabilidade, enquanto os velhos necessitam da mediação de seus filhos e netos para, no extremo, ligarem-se ao mundo.<sup>3</sup>

### ***Autoridade e negociação***

Em regra, a educação da prole é um fator muito cultivado entre imigrantes. Especialmente motivados por oferecer aos filhos aquilo de que não desfrutaram por falta de oportunidades e/ou em “transformar o filho em doutor”, como ouvi de um informante, muitos desses imigrantes de primeira geração vislumbram um futuro diferente para os filhos, inclusive esforçando-se para que estes não atuem no mesmo tipo de empreendimento deles, salvo, naturalmente, se logrou transformá-lo em um império. Para tanto, exigem desempenhos escolares acima da média, aguçando-lhes o senso de competição. Estas exigências são em geral correspondidas pela cultura familiar veneradora da autoridade do chefe da família e dos mais velhos (TRUZZI, 2001:19).

A autoridade é uma questão enraizada na cultura chinesa. No contexto brasileiro, em sua forma “pura”, ela permanece quase que somente no campo do imaginário. Quer dizer, já que o contexto da China é outro (considerando-se que, como acompanhamos muitas vezes por intermédio da mídia, essa característica da tradição chinesa ainda perdura por lá), os jovens nascidos aqui respeitam essa autoridade “à semelhança de como é na

---

<sup>3</sup> Isso fica bem claro num exemplo semanalmente repetido em uma das igrejas evangélicas que pude frequentar: o pastor, há pouco mais de 30 anos no Brasil e contando aparentemente com pouco mais de 60 anos de idade, faz sua pregação em mandarim no culto principal, aos domingos. Aos sábados, no chamado culto jovem, é o diácono, seu genro, quem ministra a palavra, em português. Nessa ocasião, o pastor sempre se senta ao fundo do templo e sua filha lhe faz a tradução simultânea. Em conversas informais, ouvi do diácono que o pastor se ressentia de não ter se esforçado para aprender o português, pois com a expectativa do nascimento de seu neto, sua filha e tradutora, grávida, ficaria sem tempo para acudi-lo e isso limitaria sensivelmente sua ação. A situação é mais dramática porque, sendo um membro proeminente da igreja e esta sendo cada vez mais freqüentada por brasileiros, o pastor não consegue se comunicar com estes a fim de desempenhar de forma satisfatória e autônoma seu trabalho como líder religioso.

China” em função muito mais dos laços sentimentais que os ligam aos parentes do que por uma validade real no momento e lugar atuais.

Isso pode fazer pensar que alguns padrões de interação familiar tendem a permanecer relativamente estáveis, independentemente do estado de modernização social ou, neste caso, da imigração de países menos industrializados para outros que já avançaram mais no processo de industrialização (NERI, 1991:42-3). Nesse sentido, as experiências individuais de negligência ou abandono do velho, relacionadas ou não à questão do desrespeito, vivenciadas em diferentes sociedades por muitos deles, não devem ser consideradas, embora basicamente associadas ao baixo status de seu grupo etário, idênticas às características de status do grupo como um todo. Os imigrantes em questão têm a seu favor a influência das crenças e práticas religiosas, e o respeito surge como diretriz. Contudo, em muitos casos essa postura dos mais jovens é seletiva quanto ao que respeitar *fielmente* e ao que secundarizar ou no mínimo protelar.<sup>4</sup>

### ***Escolha e autonomia juvenis e a imagem sobre os velhos***

Em seu texto *O étnico cotidiano*, RAULIN (2000) introduz uma instigante discussão para pensar autoridade e família chinesa como ossatura da cultura mas também como um mecanismo que paralisa a autonomia e a inventividade, chegando mesmo a instaurar uma gerontocracia no interior da célula familiar e da sociedade. Disse acima (p. 6) que as máximas confucianas impõem diretrizes e conseqüentemente organizam a sociedade e a família quando prescrevem posturas e comportamentos, tanto públicos quanto privados. Para Raulin (2000:200) ocorre correntemente que esse espírito de “grande família”, de que muitas vezes se ocupam tais máximas, também engendra deformações.

O respeito de forma irrefletida à hierarquia familiar pode ocasionar uma espécie de ditadura. Muitos chineses jovens com os quais conversei reclamavam dessa política familiar de imposição hierárquica de regras e condutas sem troca dialógica, sem contradição nem confrontação de ideias. “Palavra de velho torna-se palavra de evangelho”,

---

<sup>4</sup> Um bom exemplo disso foi um curioso fato que presenciei: duas crianças chinesas de cerca de 6 anos de idade negavam-se a conversar com o pai em mandarim, resistindo com pirraça e choro. Uma jovem brasileira, estudante de mandarim da igreja, perguntou às crianças o porquê daquela resistência, obtendo delas a resposta de que era feio (falar o idioma) e de que os colegas (não chineses) não o falavam.

reclamava uma entrevistada, ela mesma idosa (68 anos), que, por ser primogênita, tornou-se por imposição e inconsciência, igualmente uma ditadora para seus irmãos menores. “Afinal, os mais velhos têm sempre razão”, conclui.

Se essa frase aproxima o termo “velho” do adjetivo “sábio”, entendendo-o como uma referência quase que exclusiva às pessoas nesta etapa da vida (provavelmente em decorrência de resquícios de antigas tradições e de fantasias patriarcais), é lícito deduzir que este velho também é visto como “digno”, no sentido de merecedor de respeito, verdadeira autoridade moral. Mas, estamos falando, basicamente, do contexto chinês. E no Brasil, há alterações nesse quadro? Quais são os rearranjos desse cenário e em que medida isso afetou a relação entre os mais velhos e as gerações mais jovens?

Falando sobre os coreanos no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, TRUZZI (2001:19) informa que na tradição deste povo o primogênito (homem) tem a obrigação de zelar pelos pais em sua velhice e de assumir o comando da família, com o falecimento deles. Isso também parece valer para a cultura chinesa. SANG (2007), em seu texto sobre as permanências e transformações do amor filial, lança luz sobre essa tradição com a seguinte passagem, retirada d’*A filosofia social e política do confucionismo* [KAO, J. B. S., 1952:167].

*A piedade filial é um sentimento natural, espontâneo e profundo, que se encontra em todos os homens e em todos os povos. Devemos amá-los [aos nossos pais], servi-los e respeitá-los, a fim de recompensá-los numa mínima parte das fadigas, solicitude, cuidados, afeições e ternura que tiveram conosco. Aquele que faltar a este grande dever é um ingrato, um desnaturado que nem mereceria o nome de homem.*

Considerando que a estrutura social se constitui no plano da temporalidade, o que faz com que a memória social incorporada e os *habitus* também sejam geracionais, parece haver uma acomodação, no sentido de uma negociação, das práticas e dos costumes interiorizados pelos mais velhos na China e as posturas adotadas pelas gerações mais jovens, seus descendentes, no Brasil.

Parece-me que a juventude evangélica de descendência chinesa aglutina duas dimensões que se complementam: a dos costumes herdados da família e a das imposições/prescrições religiosas. Elas se complementam exatamente porque é a partir

dessa junção que o jovem se guiará a fim de estabelecer suas escolhas acerca do que acham que devem ou não adotar bem como o não rompimento com a “sagrada” autoridade paterna e materna, que fica resguardada.

Tal arranjo torna-se um pouco mais claro quando ouvimos opiniões que aprovam e fomentam “uma maior abertura da igreja chinesa para os brasileiros”, visando a integração ao mesmo tempo em que ouvimos que “a cultura não pode morrer”. Em outras palavras, pensa-se numa continuidade das formas e tradições desde o início estabelecidas pelas gerações precedentes, tal como a pregação em mandarim, que comportariam sem rupturas as transformações internas trazidas pela presença dos brasileiros. Da mesma maneira, não seria falta de observação às regras, muito menos desrespeito aos pais, afastar-se das concepções e modos de agir deles quando da percepção das limitações étnicas de seu julgamento.

Em certas circunstâncias – como, por exemplo, quando se trata de tema que “fere” ou incomoda, por razões diversas, os princípios fundamentais das gerações mais velhas, como a discricção e a “intimidade” -, os jovens posicionam-se na dianteira. Gostaria de citar, quanto a isso, um episódio envolvendo questionários de campo que tentei distribuir entre os freqüentadores das igrejas visitadas. Meu insucesso diante da maciça recusa dos mais velhos em responder revelou alguns preciosos dados:

1) eu supunha que, por ter me aproximado daquele grupo por intermédio do pastor e, mais especificamente, de seu filho de 17 anos, poderia garantir recursos positivos nas duas pontas do grupo, os jovens e os mais velhos. Quanto aos jovens, minha intuição estava correta, visto que fui satisfatoriamente aceito entre eles como pesquisador. Quanto aos mais velhos, porém, minha impressão equivocada de que o líder religioso concentrava também a liderança política, e, por que não dizer, ideológica, podendo assim influenciar no alcance de meu objetivo de que os fiéis preenchessem o questionário, mostrou-se errônea da forma mais radical. Ficou claro que uma coletividade religiosa com estas características não está isenta de individualidades que se manifestam quando lhes é pertinente e necessário, como neste caso.

2) tal episódio mostrou-me também a dimensão da seletividade dos conteúdos e da diferença auto-atribuída que os jovens apresentam na forma de julgamentos e posturas em relação às mesmas situações, como mostra esse trecho do diário de campo:

Chang, o filho do pastor, adiantou-se em dizer que as questões sobre local de moradia e trabalho não seriam respondidas, alegando que “cabeça de chinês é fechada para essas coisas” e que “não é preconceito por [eu] ser brasileiro”, mas “que é a cultura mesmo”, “a mentalidade chinesa”, deixando subentendida uma desconfiança culturalmente enraizada.

Após isso, ele sugeriu-me distribuir para os jovens, dos quais eu provavelmente teria melhores respostas. Fiz isso imediatamente aos que estavam ao nosso redor. Um deles logo saiu dali e foi pedir a aprovação do pai. Este, sem nem mesmo ler, fez um sinal negativo com a cabeça, ordenando ao rapaz que devolvesse o formulário, o que foi feito pelo jovem, que disse “meu pai mandou devolver...”

Ao pedir ao Chang que falasse com seu pai a fim de que ele intercedesse a meu favor junto aos fiéis, recebi como resposta “Ah... o meu pai não vai ligar pra isso”.

Na ocasião em questão, alguns jovens preencheram o questionário sem comunicar aos pais. Creio que em parte porque já tinham presenciado a negativa do pai de um outro e temiam sofrer o mesmo e em parte porque optaram por um comportamento autônomo, motivados pelo desejo de responder às “perguntas do pesquisador”, o que talvez tenha provocado neles a sensação de importância por estarem sendo entrevistados e por não localizarem ou pressentirem nenhum tipo de ameaça às suas individualidades, já que se tratava de uma pesquisa acadêmica.

Mas há outro interessante dado nesse acontecimento. O mais fundamental não é o fato de que os jovens creiam que os mais velhos sejam antiquados e desconfiados – embora, quanto a esta segunda característica, os chineses em geral parecem igualmente demonstrá-lo – mas sim o de que eles se vêem como mais modernos que as gerações precedentes ou ao menos mais livres e desprendidos em relação às “neuras” que não teriam mais lugar no atual contexto – vale lembrar que, segundo apurei, nenhum dos chineses desta igreja encontra-se em situação irregular no Brasil e alguns até já se naturalizaram brasileiros.

Acredito que o episódio foi uma excelente oportunidade para estes jovens demonstrarem que a questão não é bem o que o outro, o velho, é, mas sim a reafirmação de

si. Em outras palavras, o contraste jovem/velho já está dado, o que importa é deixar clara a diferença.

Nesse sentido, se há uma desvalorização simbólica dos mais velhos, seu significado não reside propriamente nas diferenças etárias, correspondentes a comportamentos e expectativas de comportamento, mas sim no fato de que “jovens e velhos pertencem a diferentes gerações, o que acarreta diferenças quanto à educação, à experiência de vida e a valores entre eles” (NERI, 1991:56). Isso autoriza a dizer que existe uma “identidade geracional” (NERI, 1991:81), cujo impacto sobre o indivíduo e a sociedade depende evidentemente dos recursos individuais, das normas e da rede de relações sociais.

### ***Conclusão***

NERI (1991:133) conclui, em seu estudo sobre as opiniões de pessoas não idosas sobre a velhice, que “lidar com atitudes e significados frente a velho e velhice é uma questão educacional”. Argumenta, na mesma passagem, que o que importa realmente “é ensinar as pessoas a construir uma realidade social e individual em que essas questões tenham chance mínima de existência”. Sem dúvida, em tempos de tecnificação dos processos produtivos e pluralização das formas de ser, de viver, de se comunicar etc, em suma, numa cultura orientada para o futuro, ser velho, e, em regra, não acompanhar o ritmo destas mudanças, provoca quase inevitáveis choques entre as gerações, e ter origem em regiões do mundo em que o peso do tradicionalismo é a tônica intensifica ainda mais a problemática.

Como vimos, os chineses de primeira geração procederam como boa parte dos imigrantes que se instalaram no território brasileiro ao longo dos últimos dois séculos. Porém, fizeram isso um pouco mais radicalmente face à dificuldade de sua inserção num país tão profundamente distinto do seu. Relembrando os argumentos de PEREIRA (2000:17), quando um grupo sente dificuldades em se inserir em diferentes instituições do país de imigração, ele tende a criar o seu mundo institucional paralelo, onde possa se reunir com seus iguais e reproduzir microscopicamente espaços sociais privativos nos quais as barreiras de fora não interferem no relacionamento de seus membros. O procedimento e a

discriminação que levam a criar a instituição paralela também o empurram para seu interior.

No desenrolar de sua permanência no país de acolhida, a estratégia de integração a esta nova realidade prevê a possibilidade de o membro do grupo articular-se apenas com algumas instâncias da sociedade hospedeira, sem se permitir a ela pertencer, sem se deixar por ela envolver, sem nela se diluir. Sanciona-se, pois, o relacionamento apenas simbiótico do grupo com a sociedade abrangente, como uma das únicas maneiras de se preservar, em terra estranha, uma identidade. Mas tudo isso normalmente refere-se unicamente às primeiras gerações, aos mais velhos. Como vimos, as gerações posteriores, mais adaptadas, apresentam outros modos de inserção, pois são brasileiros.

A coexistência tensa entre aspectos da “mentalidade chinesa”, tradicionalista, e as inovações trazidas pelos jovens faz emergir a necessidade da negociação para a atualização e a adaptação da ética familiar, que se apresenta simultaneamente aceita e recusada.<sup>5</sup> Da parte do jovem, tal contradição pode encontrar uma forma de resolução nos estudos, tanto os profissionalizantes quanto aqueles voltados para a preservação da identidade grupal e o reforço da socialização étnica.<sup>6</sup> Ambas as estratégias amarram mais os laços sociais dos jovens da comunidade, podendo realimentar constantemente uma consciência étnica através do cultivo sistemático da língua e na gênese e história singular do povo.

Retomando minha proposta principal, pretendi mostrar como as concepções e práticas dos chineses das principais levadas migratórias, não necessariamente velhas pelos critérios cronológicos *stricto sensu*, tendem a moldar-se, através da negociação, às práticas e construções mentais das gerações de jovens já nascidas aqui ou vindas ainda na infância. Para tanto, não privilegiei elementos classicamente discutidos nos textos sobre os chineses da diáspora (economia, comércio, empreendedorismo) assim como optei por não trabalhar

---

<sup>5</sup> Nesse sentido, é possível pensar na propriedade de uma ideia exposta por GRANET (1997:349) quando explora um ensinamento constante no pensamento chinês. Segundo o autor, é preciso um adestramento do ser interior, um conhecimento ou domínio integral de si mesmo, que é possível graças a uma libertação dos apetites e desejos. Possivelmente, a disciplina e o alto grau de eficiência de boa parte dos jovens chineses em seus empreendimentos particulares venha do respeito e do entendimento acerca de como gerenciar e produzir a própria vida repassado geracionalmente pelos mais velhos.

<sup>6</sup> Para esta discussão, é importante consultar os argumentos de BERGER e LUCKMANN (1985) quanto à caracterização da socialização secundária. Nesta, o indivíduo reserva-se o direito de contestar o que lhe é objetivado condicionado pelo seu universo simbólico, estabelecendo uma distância entre seu eu total e sua realidade, de um lado, e seu eu parcial específico e a realidade dele, de outro lado.

tensões de gênero, questões invariavelmente presentes nas discussões sobre família e gerações. As reflexões elaboradas têm uma disposição ampla, isto é, impactam indistintamente, embora com forma e conteúdo diferenciados, ambos os gêneros.

Por fim, mostrei que a despeito do peso da tradição moral (o que confere destaque para o velho) e da autoridade paterna sobre a família chinesa, os jovens elaboram diferencialmente suas concepções sobre tais instâncias de poder, operando rearranjos em sua estrutura em vista do contexto social e da dinâmica identitária diversa.



## Referências bibliográficas

- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*, Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de sociologia*, RJ: Marco Zero, 1983.
- DEBERT, Guita G. “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade”. In: BARROS, Myriam M. L. (org.). *Velhice ou terceira idade?*, RJ: FGV, 1998.
- GRANET, Marcel. *O pensamento chinês*, RJ: Contraponto, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “A família”. In: *O olhar distanciado*, Lisboa: Edições 70, 1986.
- NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens*, Campinas: UNICAMP, 1991.
- NOVAES, Regina Reyes. “Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas”. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis e cidadãos – percursos de sincretismo no Brasil*, RJ: EDUERJ, 2001.
- OLIVEIRA, Catarina. “Chineses em Portugal: comunidade ou comunidades?”. In: *Working Papers*, nº 18, Lisboa: FCT, 2000.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. “Os (des)caminhos da identidade”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, nº. 42, fevereiro/2000.
- PEREIRA, João Baptista Borges. “Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira”. In: *Revista USP*, nº 46, SP: jun.-jul. 2000.
- RAULIN, Anne. *L'Éthnique est quotidien – diásporas, marché et culture métropolitaine*, Paris: L'Harmattan, 2000.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. “Transmissão geracional e família na contemporaneidade”. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Família e gerações*, RJ: FGV, 2006.
- SANG, Ernesto René e MIGLIAVACCA, Eva Maria. “Amor e Devoção Filiais (Xiàoshùn) na Família Chinesa: Filiação na migração”. *Travessia*, dossiê Filhos da Migração, nº 59, set.-dez. 2007.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração, ou os paradoxos da alteridade*, SP: EDUSP, 1998.
- TRUZZI, Oswaldo. “Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo”. In: *Estudos Históricos*, nº 28, RJ: FGV, 2001.